

# Bosque de Sobradinho vira abrigo para 200 migrantes

Acácio Pinheiro

O bosque dos eucaliptos, próximo ao Posto Colorado, em Sobradinho, converteu-se no lar provisório de cerca de 200 migrantes que chegaram a Brasília nos últimos meses. Eles vieram de caronas caminhões que saem do Nordeste e passam por Brasília e foram seduzidos pelas histórias dos caminhoneiros de muitos empregos em chácaras e assistência à saúde gratuita e de primeira qualidade. Para a maioria deles, no entanto, a estadia na capital não traduziu-se na realização deste sonho dourado.

Algumas famílias passaram até meses tentando conseguir emprego, mas a falta de "conhecimento do local", como costumam dizer, anulou aos poucos as esperanças de serem bem-sucedidos na capital. A única alternativa para alguns é a passagem de volta. Num dos aglomerados das barracas está Jacinto de Sousa Lima, 73 anos, que veio com a filha e sua família de Barreiras (BA) em busca de emprego. Na Bahia, disse possuir um barraco e uma chácara, mas com a seca, perdeu a plantação.

As cinco pessoas da família moram debaixo de uma coberta de lona e as crianças dormem sobre pedaços de papelão. Para tentar afastar o frio, acendem fogueira durante a noite. "Procuramos serviço em chácaras, mas por falta de referências não conseguimos nada e tivemos de pedir esmola na beira da estrada. Queremos voltar", lamenta Jacinto. "Não estou arrependido de ter vindo, porque se não ficávamos sonhando. Aqui as pessoas são boas, mas emprego não há para ninguém", afirma.

**Frio** — Desesperada com as condições de sua lona e com o frio que abateu sobre Brasília, Tânia Francisca de Moura, que vive há alguns meses debaixo dos eucaliptos, afirma que faz qualquer coisa pela passagem de volta. "Vendo até meu voto lá em Barreiras para quem me ajudar", propõe.

Problema semelhante vive Maria Edna Campos, 30 anos, que veio também de Barreiras, com o marido na carroceria de um caminhão. Com uma paralisia na perna, ela está impossibilitada de trabalhar, e Otônio, seu companheiro, não consegue emprego. Eles vivem também sob plásticos doados pelos moradores de Sobradinho. "À noite, ele não agüenta o



Maria do Barro acompanha doação da sopa. São 100 litros por dia

frio e sai para andar, me deixando sozinha", lamenta Maria, lembrando que só a passagem de volta importa.

Algumas destas famílias dão sorte, conseguem algum emprego e não pensam mais em sair daqui. Vindos de Petrolina (PE), Francisco Ribeiro, 32 anos, e mais 21 pessoas de sua família chegaram a Brasília no dia 17 último. Eles fugiram da seca no interior de Pernambuco, que já dura dois anos e

acabou com todos os empregos nas fazendas. Viajaram 16 dias na carroceria de caminhões.

"Tentei emprego nas frentes de trabalho, mas tem muita gente na fila de espera. Aqui já consegui trabalho em uma borracharia e, no próximo mês, vou alugar um barraco e levar toda a família", explica Francisco. Por enquanto, suas irmãs, esposa e filhos pedem comida na beira da estrada que liga Sobradinho ao Plano Piloto.